



Organização  
Pan-Americana  
da Saúde



Organização  
Mundial da Saúde  
ESCRITÓRIO REGIONAL PARA AS Américas

# 29<sup>a</sup> CONFERÊNCIA SANITÁRIA PAN-AMERICANA

## 69<sup>a</sup> SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL DA OMS PARA AS AMÉRICAS

*Washington, D.C., EUA, 25 a 29 de setembro de 2017*

---

CSP29/DIV/5  
Original: inglês

**PALAVRAS DE ABERTURA DO DR. TEDROS ADHANOM GHEBREYESUS  
DIRETOR-GERAL DA ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE**

---

**PALAVRAS DE ABERTURA DO DR. TEDROS ADHANOM GHEBREYESUS  
DIRETOR-GERAL DA ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE**

**25 de setembro de 2017  
Washington, D.C.**

**29ª Conferência Sanitária Pan-Americana  
69ª sessão do Comitê Regional da OMS para as Américas**

Ex.mo Sr. Presidente, Dr. Nikolas Steele,  
Diretora Regional, minha irmã Carissa Etienne,  
Exmo Sr. Secretário de Saúde e Serviços Humanos, Dr. Thomas Price,  
Exmo Sr. Secretário-Geral Adjunto da Organização dos Estados Americanos,  
Embaixador Nestor Mendez,  
Ilustres delegados, colegas, senhoras e senhores:

Gostaria de começar manifestando minhas sinceras condolências ao povo do México, que se recupera dos recentes terremotos que lhes tiraram tanto. E minhas condolências às nações do Caribe e aos Estados Unidos, que tanto sofreram à mercê do furacão Irma e do furacão Maria. Meus sentimentos a todos vocês.

Esses furacões são um lembrete trágico de que o clima do nosso planeta está mudando, com consequências devastadoras para a saúde humana.

É um lembrete oportuno, como se precisássemos ser lembrados, de que devemos agir tanto para mitigarmos como para nos adaptarmos aos efeitos da mudança climática sobre a saúde.

Por essa razão, dei início a uma iniciativa para apoiar os pequenos Estados insulares em desenvolvimento, que são os menos responsáveis pela mudança climática, porém os mais ameaçados.

Ontem tive uma reunião muito positiva com representantes da Comunidade do Caribe para discutir essa iniciativa e para ouvir suas necessidades e ideias. Há algumas semanas, também me reuni com representantes das Ilhas do Pacífico, que acolheram muito bem a ideia.

Senhoras e senhores, estou muito orgulhoso por estar aqui pela primeira vez como Diretor Geral. É com grande interesse que espero aprender mais ao longo dos próximos dias sobre as necessidades específicas desta região e sobre como a OMS pode atender da melhor maneira tais necessidades.

---

Nas Américas, vivem mais de 1 bilhão de pessoas. Trata-se de mais de um bilhão de razões para sairmos da cama de manhã e fazermos tudo o que pudermos para proteger e promover sua saúde.

Os senhores realizaram uma série de conquistas da qual devem se orgulhar: grandes avanços na expectativa de vida; reduções importantes na mortalidade da criança e do recém-nascido; melhorias significativas na cobertura de saúde para as populações pobres e vulneráveis; a eliminação da rubéola e do sarampo e nesta região está o primeiro país no mundo a eliminar a transmissão materno-infantil do HIV.

Tudo isso é motivo de celebração. Mas ainda persistem desafios.

As doenças não transmissíveis são responsáveis por três de cada quatro mortes nesta região.

Muitos dos seus países estão enfrentando epidemias de obesidade que terão consequências por muito e muito tempo.

As doenças mentais, o abuso de substâncias psicoativas e o suicídio estão crescendo.

Os senhores sabem muito bem que, à medida que as populações envelhecem, o número de pessoas que precisam de atenção de longo prazo — e o custo de oferecer essa atenção — só aumentará.

Nenhum país, por mais rico que seja, pode simplesmente se sentar e esperar que essas pessoas apareçam em seus hospitais. Precisamos fechar a torneira em vez de tentar enxugar uma enxurrada.

As intervenções mais baratas e mais eficazes são as que promovem a saúde e previnem doenças, desde a tributação dos produtos do tabaco, até a melhor rotulagem dos alimentos, e até mesmo medidas simples como quebra-molas.

Agradeço aos seis países que assinaram o Protocolo para Eliminar o Comércio Ilícito de Produtos de Tabaco e aos cinco que o ratificaram até o momento.

Mas seis países de um total de 35 não são muitos. Se quisermos tratar com seriedade os danos causados pelo tabaco, todos nós devemos ser coerentes com o próprio discurso.

Agradeço ao Uruguai, em especial, pela sua liderança no combate à ameaça das doenças não transmissíveis. aguardo com grande interesse poder me reunir com os senhores em Montevideu, no mês que vem, na Conferência Mundial sobre DNT.

Senhoras e senhores, a clareza da missão é sempre importante. Então, qual é a nossa?

Acredito que ela tem três elementos: manter o mundo seguro, melhorar a saúde e atender os vulneráveis. Permitam-me repetir isso: manter o mundo seguro, melhorar a saúde e atender os vulneráveis.

Mas para fazer isso, a OMS precisa mudar. Precisamos ganhar sua confiança. Algumas dessas mudanças já começaram. Outros levarão mais tempo para render frutos, mas devemos plantar suas sementes agora.

O que descobri é que muitas das melhores ideias sobre como transformar a OMS já existem dentro da organização.

Uma das primeiras coisas que fiz foi pedir ao pessoal que me apresentasse ideias loucas e criativas para estimular uma nova forma de pensar em todos os níveis da organização.

A resposta foi inspiradora. Algumas das ideias eram realmente loucas! Mas muitas outras eram estimulantes, eram realmente promissoras.

Agora estamos moldando essas ideias no nosso próximo Programa Geral de Trabalho para o período de 2019 a 2023.

A nota conceitual sobre o novo Programa Geral de Trabalho já foi discutida nas reuniões dos comitês regionais AFRO, SEARO e EURO. As opiniões que recebi me deixaram bastante animado.

Agora é sua vez.

Nesta quarta-feira, os senhores saberão mais sobre nossas ideias para os próximos cinco anos. Esperamos ouvir suas opiniões. Mas permitam me usar alguns minutos para traçar um esboço.

Primeiro, a luz que nos orienta são os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Os ODS são a lente através das quais vemos todo o nosso trabalho.

Se fizermos algo que ajude os países a avançar rumo à consecução dos ODS, então devemos continuar a fazê-lo de forma ainda mais vigorosa. Em caso contrário, devemos nos questionar por que estamos fazendo aquilo.

Então, o que vamos fazer? Propomos cinco prioridades estratégicas. Vou resumilas da seguinte forma: segurança da saúde, serviços de saúde, sistemas de saúde, metas da saúde e liderança em saúde.

Primeiro, a segurança da saúde. Quando um surto se torna uma epidemia, o mundo se volta para a OMS.

Devemos acelerar nossa evolução para nos tornarmos mais ágeis na nossa resposta às emergências. Estamos no caminho certo. O novo programa de emergências da OMS já está produzindo resultados encorajadores.

Segundo, os serviços de saúde. Esta prioridade está intimamente ligada à primeira: quando ocorre um desastre, nossos parceiros esperam que estejamos ombro a ombro com eles na linha de frente, e não apenas berrando instruções do lado de fora.

É exatamente isso o que estamos fazendo na Dominica, onde estamos fornecendo medicamentos e outras provisões de saúde aos que precisam.

Terceiro, os sistemas de saúde. Como bem sabem, a cobertura universal de saúde é a minha principal prioridade para a OMS.

O caminho para a cobertura universal de saúde será diferente para cada país. Não existe uma solução única para todos os casos. Contudo, qualquer que seja o país, a solução passa por seus sistemas de saúde.

Isso envolverá investimentos na melhoria dos sistemas de informações em saúde e uma força de trabalho da saúde na quantidade certa, com as qualificações certas e nos lugares certos.

Isso significa garantir o acesso a medicamentos essenciais e encontrar soluções inovadoras para assegurar a sustentabilidade do financiamento da saúde. Significa também prestar serviços voltados para as pessoas, por meio de redes de atenção primária sólidas.

A quarta prioridade é impulsionar o progresso rumo à consecução das metas específicas da saúde nos ODS. Como eu disse, os ODS são a lente para todo o nosso trabalho, mas concentraremos nossa atenção em quatro áreas específicas:

- melhorar a saúde das mulheres, crianças e adolescentes;
- acabar com as epidemias do HIV, tuberculose, malária e hepatites;
- evitar os óbitos prematuros causados por doenças não transmissíveis, inclusive a saúde mental; e
- proteger contra os impactos da mudança climática e dos problemas ambientais sobre a saúde.

Por último, a liderança em saúde. Esse é um dos nossos papéis principais; apenas a OMS tem autoridade e credibilidade para convocar os inúmeros agentes no campo da saúde mundial e formar um consenso para a consecução dos objetivos comuns.

São essas as cinco prioridades. Mas, além de discutir por que e o que, permitam-me falar sobre como. Acredito que a OMS precisa empreender várias mudanças importantes.

Primeiro, precisamos nos concentrar mais nos resultados e no impacto. Redigir um plano de ação é uma coisa; pôr esse plano em ação é outra.

Demasiadas vezes, nos concentramos apenas nos resultados, sem ponderar o bastante se estamos realmente fazendo a diferença para a saúde pública.

Isso precisa mudar. Vamos nos concentrar bem mais em medir o impacto do nosso trabalho, para assegurar que estamos investindo em projetos e programas que gerem resultados.

Segundo, estabeleceremos prioridades. A OMS não consegue fazer tudo e deve tentar fazer tudo. Com sua orientação, precisaremos tomar decisões difíceis sobre como investir nossos recursos finitos para obter o maior impacto possível. Novamente, os ODS serão nosso norte.

Terceiro, a OMS se tornará mais operacional, sobretudo em Estados frágeis, vulneráveis e em situação de conflito. Ao mesmo tempo, continuaremos a desempenhar nossa função de estabelecer normas e padrões — e, de fato, reforçaremos essas funções.

Quarto, devemos posicionar os países no centro do trabalho da OMS. Isso parece óbvio, mas precisa ser repetido. Os resultados não acontecem em Genebra nem nos escritórios regionais; acontecem nos países. Nosso papel é apoiá-los, nossos Estados Membros, e permitir que fortaleçam seus sistemas de saúde, alcançar a cobertura universal de saúde para seu povo e proteger contra epidemias em seus países. Para tanto, os senhores devem estar no comando.

Quinto, a OMS exercerá liderança política ao defender a saúde entre os líderes mundiais. A importância de mobilizar o compromisso político com a saúde é clara para todos nós. Nosso trabalho técnico pode ser excelente, mas não renderá frutos a menos que nos comprometamos politicamente para gerar a demanda por ele.

Com base na minha própria experiência, sei que a vontade política é o ingrediente fundamental para a mudança. Não é o único ingrediente, mas, sem ele, a mudança é muito mais difícil de ser concretizada. Para que haja uma mudança de paradigma, precisamos de intervenção política.

Como sabem, estive na Assembleia Geral da ONU em Nova York, na semana passada, ocasião em que me reuni com muitos chefes de Estado, ministros e outros líderes da saúde. Fiquei muito encorajado pelo apoio à saúde que testemunhei no mais alto nível político.

A OMS não deve ser tímida no seu envolvimento com os líderes mundiais. Nossa causa é muito importante; muito está em jogo. A mudança significativa ocorre quando os líderes políticos são envolvidos. Assim, a OMS não deve ter medo de ir além do técnico e passar para o político ao perseguir sua missão.

Meus amigos, estou empolgado com o trabalho que temos diante de nós e com a diferença que podemos fazer para as pessoas, famílias, comunidades e nações.

Estamos todos aqui porque, fundamentalmente, nos preocupamos com a saúde das pessoas do mundo.

Não estamos preparados para aceitar um mundo em que as pessoas adoçam e morram apenas porque são pobres.

Mas temos o poder de mudar esse mundo. É com grande interesse que espero colaborar estreitamente com os senhores para transformar nossa visão em realidade.

*Thank you so much. Merci beaucoup. Muchas Gracias. Muito obrigado.*

---